

Uma Proposta para Avaliar o Potencial de Cooperação de uma Comunidade¹

Clara Assumpção de Assis Leite, Maria Julia Azevedo Gouveia e Lucia Helena Negri Nilson

Resumo

Este trabalho apresenta uma metodologia construída para identificar o potencial de cooperação de uma comunidade, em um estudo realizado para o governo de um país da África Subsaariana. Este governo pretendia implantar um programa de agricultura familiar em comunidades a serem impactadas por um empreendimento local e buscava conhecer características sociais e produtivas das comunidades e decidir por qual começar o projeto. Um dos critérios era iniciar por aquela com maior potencial de cooperação. Para isso, esta pesquisa adotou um procedimento de campo que utiliza observação participante, técnicas de psicodrama e considera aspectos objetivos e subjetivos da cultura local. O resultado foi a Matriz de Avaliação do Potencial de Cooperação, adaptada do Questionário Integrado para Medir o Capital Social, proposto pelo Banco Mundial. Considerou-se que o conceito de Cooperação é indissociável de Capital Social, pois contempla práticas como confiança e formação de redes, inerentes aos dois conceitos.

Palavras-chave

Cooperação. Capital Social. Desenvolvimento Local. Psicodrama. Pesquisa de Campo.

Abstract

This work presents a methodology for measuring the potential for cooperation in a community, constructed during a study made for the government of an African country, which intended to implement a program of family farming in communities that would be impacted by an enterprise. To support the program entry, the government wanted to know social and productive characteristics of the communities and decide in which one to begin the project. One of the criteria was to begin in that with the greater potential for cooperation. This research constructed a methodology to identify this potential, adopting a field procedure that uses participant observation, psychodrama techniques and considered objective and subjective aspects

of local culture. The result was a Matrix for evaluating the potential for cooperation, adapted from the World Bank's Integrated Questionnaire for the Measurement of Social Capital. It was considered that the concept of Cooperation is inseparable from Social Capital, given that it contemplates practices like trust and network construction, inherent to both concepts.

Keywords Cooperation. Social Capital. Local Development. Trust. Psychodrama. Field Research.

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito de uma consultoria realizada entre maio e outubro de 2012, para a elaboração de um Plano de Desenvolvimento Social para determinada região de um país da África Subsaariana, de língua portuguesa, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano, cujo governo estava em processo de implantação de um polo agroindustrial, o qual afetaria parte do território de três municípios e 186 comunidades rurais, numa área de mais de 400 mil hectares.

Proposta como cooperação técnica, a consultoria, contratada pelo governo, foi liderada por uma empresa brasileira, em parceria com uma empresa do país estudado. Para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Social, foi preciso conhecer as características da região por meio de um diagnóstico socioeconômico e territorial da região, o qual investigou as condições de saúde, educação, infraestrutura, habitação e aspectos produtivos das 186 comunidades rurais identificadas no território. Dentre elas, 20 comunidades seriam afetadas na primeira etapa de instalação do empreendimento e nessas foi realizado um estudo mais aprofundado, com mais três frentes complementares de investigação: uma pesquisa amostral domiciliar (realizada por equipe especializada e pesquisadores locais), uma pesquisa de potencial produtivo (desenvolvida por agrônomos) e uma pesquisa do potencial de cooperação, apresentada no presente artigo.

Dessas 20 comunidades, com populações variadas, estimadas entre 80 até mais de 3000 habitantes, dez já eram contempladas por um Programa de Agricultura Familiar e as demais haviam sido selecionadas para entrar, paulatinamente, no mesmo Programa. Para isso, buscou-se avaliar as características de cada comunidade que indicassem melhores condições ou suas potencialidades para iniciar a expansão do Programa.

O desafio dessa frente de pesquisa residia em elaborar uma metodologia que pudesse medir o potencial de cooperação de cada comunidade, estabelecendo um referencial que permitisse responder em quais comunidades havia mais capacidade, organização, predisposição dos produtores para a formação de uma estrutura de gestão associativa. Identificar este potencial significava compreender os aspectos culturais objetivos e subjetivos que facilitassem a associação entre as pessoas e, em seguida, estabelecer medidas e padrões de comparação.

Para responder a essa indagação foi desenvolvida a pesquisa de potencial de cooperação, realizada por uma equipe composta por brasileiros com experiência em diagnóstico socioterritorial, psicologia e diálogo social, ao lado de profissionais do país estudado, com experiência em antropologia, ações governamentais e apoio técnico ao pequeno produtor. O caminho encontrado foi construir uma ferramenta em que as informações coletadas sobre cada comunidade fossem comparadas nos mesmos termos, de forma matricial. Na matriz criada, que cruza as comunidades com as dimensões que compõem a cooperação, dados qualitativos são pontuados por comunidade ou tema, de modo a apresentar um panorama do potencial de cooperação no conjunto de comunidades.

O presente estudo visa apresentar o processo de elaboração da metodologia de pesquisa (trabalho de campo) e a construção dessa ferramenta de avaliação.

CONTEXTO

A chegada de um empreendimento no território constitui uma oportunidade para se apresentar uma proposta de desenvolvimento social, aliado ao desenvolvimento econômico, visando à melhoria dos indicadores sociais desta população, recém-saída de mais de três décadas de guerra civil, e que apresentava índices críticos de vulnerabilidade social, déficit em educação, saúde, renda, saneamento, habitação e alta mortalidade infantil.

O governo nacional tinha como metas para este empreendimento fomentar o desenvolvimento econômico e a segurança alimentar do país e, como iniciativa de desenvolvimento social local associada a essa meta, a ampliação do Programa de Agricultura Familiar era o primeiro projeto confirmado. Contudo, era preciso fornecer subsídios para remodelar este Programa.

Estava posto que as ações de desenvolvimento da agricultura familiar empreendidas de forma desinformada estariam fadadas ao insucesso, repetindo experiências já ocorridas na região. Eram iniciativas pontuais de formação de associações por estímulo do Governo, as quais foram descontinuadas por se tornarem somente agrupamentos de produtores para a obtenção de maquinário cedido pelo Governo para preparo da terra, sem qualquer plano de organização local consistente. O resultado fora o abandono das (poucas) máquinas cedidas, falta de manutenção, uso particular das máquinas e descrença da efetividade de qualquer forma de associação entre os moradores.

O cenário apresentado caracterizava as condições existentes: a quase totalidade da atividade produtiva da área de estudo era de agricultura familiar, o que representa a sobrevivência e praticamente única fonte de renda da região. O processo de produção e comercialização ocorria de forma individual, cada produtor trabalhava com sua família em sua lavoura e, de maneira geral, se dirige à beira das estradas para venda da rara produção excedente. Já se enxergava também a experiência do Programa de Agricultura Familiar existente insuficiente, pois as famílias dependiam integralmente da coordenação do programa para produção e comercialização, sem demonstrar indícios de uma organização mais autônoma.

Com isso, a análise do potencial de cooperação justificava-se por contribuir para a

identificação das comunidades cujos moradores pudessem atuar como agentes mobilizadores da cooperação, e por apoiar a ampliação do programa de forma sistemática, orientando ações consolidadoras.

Além de desenvolver uma ferramenta para medir o potencial de cooperação e indicar a comunidade para iniciar a ampliação do Programa, o objetivo da pesquisa também era orientar ações para desenvolver esse potencial.

A metodologia da pesquisa procurou associar o conceito de Cooperação ao de Capital Social e, assim, descortinar um conjunto de potencialidades que devem ser levadas em conta quando se fala em cooperação. Buscou também propor uma metodologia de avaliação de cenários que pode ser adaptada a qualquer contexto. A matriz de avaliação foi construída a partir do Questionário Integrado para Medir o Capital Social (QIMCS), desenvolvido pelo Grupo Temático sobre Capital Social do Banco Mundial (NARAYAN et al., 2003). Como será detalhado no item 5 deste texto, a ferramenta assumiu as dimensões propostas pelo QIMCS e foi alimentada com dados qualitativos coletados em campo e codificados de acordo com suas recorrências, de forma a construir conceitos e parâmetros de análise. Por trabalhar com pontuação, auxilia também no estabelecimento de um referencial externo que situa a localidade não só em relação às demais, mas em relação à nota máxima que ela poderia alcançar.

DELIMITAÇÃO CONCEITUAL

A hipótese inicial era que para chegar ao potencial de cooperação, a pesquisa deveria ser orientada por três perguntas relativas às comunidades: Como se estabelecem e são disseminadas as redes de relacionamentos entre indivíduos e instituições? Como prevalecem as relações de confiança? Qual a capacidade e qualidade de inter-relações entre os indivíduos?

O estudo chegou, assim, à sua primeira aproximação conceitual, a qual relaciona a Cooperação a Capital Social, tomando como elemento indissociável o reconhecimento das características locais: poder, saberes e identidades. A partir daí, foi realizado o levantamento de bibliografia a respeito dos principais conceitos identificados – Capital Social, Cooperação e Confiança.

Bourdieu, Coleman, Fukuyama e Putnam são os principais formuladores do conceito de Capital Social que vem sendo mais investigado desde os anos 1990. Neste estudo, é adotada a abordagem mais corrente, proposta por Putnam, o qual considera o Capital Social como um facilitador da cooperação. Em sua obra “Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna”, escrita ao lado de Leonardi e Nanetti, é defendida a tese de que quanto maior o capital social e a cultura cívica dos indivíduos maior o desenvolvimento econômico da localidade.

Alguns indicadores básicos do Capital Social de uma comunidade são a sociabilidade, a cooperação, a reciprocidade, a pró-atividade, a confiança e a simpatia. Para conhecê-los,

é necessário um levantamento do cotidiano das pessoas, com quem se relacionam, com que frequência e em que termos. Uma das formas de se avaliar o Capital Social de uma comunidade é identificar até onde se estendem as simpatias das pessoas e comunidades, simpatias entendidas como estima, respeito e confiança (COSTA, 2003, p. 240).

Cooperação foi entendida em seu sentido mais essencial, de agir conjuntamente com o outro ou interagir tendo em vista a realização de um fim comum. Cooperação pode ser compreendida como:

(...) um processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns (FRANTZ, 2001, p. 242).

Isso significa uma ação consciente e combinada entre indivíduos ou grupos, consenso em relação aos fins a atingir, confiança recíproca dos atores, elaboração em comum de um conjunto de regras e acordos sobre o modo de coordenação das ações, participação ativa de todos os elementos etc. Comportamentos interativos guiados por reciprocidade, altruísmo, cooperação e outras formas de relações sociais podem ter papel relevante no desenvolvimento das comunidades. Compreende-se que a convocação de associação se dá com a finalidade de enfrentar e usufruir das mudanças em curso e das que virão.

Echeverria contribuiu para a conceituação de confiança, afirmando que: “Um sistema que estimula a cooperação desenvolverá confiança, um sistema que estimula a competitividade desenvolverá diversas formas de desconfiança” (2002, p. 11).

Se um sistema social apresenta um conjunto de normas transparentes, simples, legítimas e respeitadas, seus membros saberão como agir, pois há uma redução de incertezas e um aumento da confiança.

A pesquisa desses conceitos levou ao QIMCS, o qual apresenta seis dimensões para medir o Capital Social: Grupos e Redes; Confiança e Solidariedade; Ação Coletiva e Cooperação; Informação e Comunicação; Coesão e Inclusão Social; Autoridade (*Empowerment*) e Ação Política. O Questionário constituiu a base para a formulação da Matriz de Potencial de Cooperação. Sua primeira versão dirigiu o olhar do pesquisador para o campo. A versão final foi construída no retorno, após os dados coletados e a experiência vivida.

DEFINIÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

Com base no referencial teórico, nas dimensões a serem observadas e no grupo a ser estudado, foi definida a estratégia de desenvolver oficinas nas comunidades. Decidiu-se o público, a duração, a metodologia e o trabalho a ser realizado. Com o objetivo de conhecer e identificar os aspectos culturais, optou-se por utilizar estratégias do psicodrama/sociometria, numa perspectiva de pesquisa de intervenção.

O psicoterapeuta Jacob Levy Moreno, em meados de 1930, vislumbra um meio para melhor

compreensão das relações sociais e dos seus mecanismos psicológicos subjacentes, os quais ele chamou de Sociometria. A Sociometria interessa-se pela compreensão das relações sociais (redes) existentes nos grupos. Estas redes relacionais são “teares” nos quais inumeráveis fios se tecem nas dimensões do tempo e do espaço, mas não são facilmente vislumbrados, dado que se estabelecem em duas dimensões: uma visível e aparente, e outra invisível e subjacente. “O verdadeiro sujeito do sociodrama é o grupo [...] Mas como o grupo é apenas uma metáfora e não existe *per se*, o conteúdo real são as pessoas inter-relacionadas que o compõem. Não como indivíduos privados, mas como representantes da mesma cultura” (MORENO, 1975, p. 413).

Um método que sustenta o trabalho de campo e que foi adotado como estratégia foi a pesquisa de intervenção, a qual, nas palavras de Eduardo Passos, é:

Um método não para ser aplicado, mas para ser assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas este é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo [...]. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção (PASSOS, 2009, p. 10).

Isso significa que, apesar de a pesquisa estar previamente definida, a experiência também indica o caminho que pode ser trilhado. Conhecer e fazer tornam-se inseparáveis e, dessa forma, não é possível pretender uma neutralidade no processo ou uma separação objetiva entre pesquisador e grupo das comunidades. A atenção do pesquisador torna-se um ponto fundamental: “a ativação de uma atenção à espreita – flutuante, concentrada e aberta” (PASSOS, 2009, p. 48), que significa inibir a atenção seletiva, trazendo já de antemão o que se precisa observar. Essa atenção sensível é que permite encontrar o que não se conhecia.

A pauta da oficina contemplava, em suas diferentes atividades, instrumentais específicos para a coleta das informações que alimentariam a Matriz. As oficinas foram organizadas em três momentos, de maneira a compor um caminho de disponibilidade do grupo para o trabalho coletivo:

MOMENTO 1 - IMAGENS DO COTIDIANO:

- Objetivos: levantamento das atividades que as pessoas realizam no dia-a-dia e em que momento as fazem conjuntamente; conhecimento das redes de relacionamento existentes no bairro.
- Atividade: narrativa pelos participantes e anotação das atividades diárias e responsáveis num mapa com o percurso do sol traçado. O material era lido ao grupo inteiro posteriormente.

Figura 3 – Mulheres dramatizam o ciclo de produção da mandioca



Fonte: oficina de potencial de cooperação, 2012

Figura 4 – Dramatização da atividade de buscar água no poço



Fonte: oficina de potencial de cooperação, 2012

MOMENTO 3 - PERCEPÇÃO SOBRE O FUTURO:

- Objetivo: conhecer as percepções e perspectivas sobre o futuro.
- Atividade: conversa em três grupos: de homens, mulheres e de jovens, sobre o que desejam para o futuro dos jovens e das crianças da comunidade. Eram motivados pelas cenas dramatizadas de seu cotidiano na produção e pelos desenhos feitos pelas crianças em atividade paralela à oficina. O material foi registrado e lido para todo o grupo.

Figura 5 – Grupo de homens discute o que deseja para crianças e jovens da comunidade



Fonte: oficina de potencial de cooperação, 2012.

Figura 6 – Compartilhando resultados em grupo



Fonte: oficina de potencial de cooperação, 2012.

ATIVIDADE COM AS CRIANÇAS:

Em função da presença de muitas crianças no momento da oficina, eram entregues folhas de papel e giz de cera para desenharem o que gostariam de ser quando crescessem. Os desenhos eram apresentados aos grupos de homens, mulheres e jovens para estimular a conversa sobre o futuro.

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS E CONSOLIDAÇÃO DA MATRIZ

O terceiro passo foi a revisão das informações coletadas com o objetivo de criar tipologias das informações coletadas – como tipos de medos, de conflitos, de atividades sociais – para serem lançados na matriz, ao mesmo tempo em que se consolidava a Matriz de Avaliação do Potencial de Cooperação.

Com o conjunto de oficinas sistematizadas, foi possível revisar os indicadores e descritores do Capital Social e refinar sua adaptação para tornarem-se indicadores de Potencial de Cooperação, além de formular métricas e medidas para cada descritor. Essa reformulação permitiu um direcionamento da análise, considerando a realidade encontrada e estabelecendo padrões de medida balizados pelas práticas já existentes. A sequência deste processo foi pontuar e analisar cada comunidade.

A adaptação dos indicadores propostos no QIMCS era necessária por alguns motivos. Primeiro, o questionário deve ser feito individualmente, a partir de um cálculo de amostra, metodologia que o grupo de pesquisadores decidiu não adotar. Além disso, a abordagem dos temas pelo questionário, por vezes, não aderiu ao contexto estudado, motivo que também foi essencial para a criação de novos indicadores e descritores de avaliação.

A CONSTRUÇÃO DAS DIMENSÕES DO POTENCIAL DE COOPERAÇÃO

O Quadro 1 explicita o entendimento de cada uma das dimensões conforme exposto na introdução teórica ao Questionário Integrado para Medir Capital Social (QIMCS) do Banco Mundial e as adaptações conceituais feitas para as dimensões do Potencial de Cooperação.

As dimensões contavam com indicadores e descritores. Essa pesquisa os utilizou quando alinhados aos objetivos do estudo e propôs adaptações quando necessário. Além disso, incluiu, a cada descritor, métricas e medidas próprias (com pontuações de 0 a 3). Por ser uma matriz extensa, as dimensões serão detalhadas até o nível das métricas a seguir. Para exemplo e maior compreensão, também serão apresentadas algumas medidas adotadas.

Quadro 1 – Definições das dimensões do Capital Social e ajustes conceituais à pesquisa do Potencial de Cooperação

Dimensão	Capital Social	Potencial de Cooperação
Grupos e Redes/ Redes de Relacionamento	Implicações dos indivíduos em associações locais e redes sociais, confiança e aderência a normas e ocorrências de ações coletivas.	Não compreende a participação em associações (por não existirem no contexto), mas a correlação entre o número de moradores e a diversidade dos relacionamentos, o que permite a criação de novas formas de se relacionar.

Quadro continua na pág.211

Dimensão	Capital Social	Potencial de Cooperação
Confiança e Solidariedade	Construção da confiança diretamente relacionada com a capacidade que cada um possui, e pode desenvolver, de entrar em relação com os outros, de reconhecer no outro habilidades, competências, conhecimentos, hábitos e de inclui-lo no seu universo de referência.	Incorpora o entendimento proposto e analisa experiências e expectativas relativas a comportamentos que implicam confiança nas pessoas, instituições e relações comerciais.
Ação Coletiva e Cooperação	Agir conjuntamente com o outro ou interagir em vista à realização de um fim comum.	Incorpora o entendimento proposto e verificar a incidência de atividades coletivas em projetos conjuntos, sejam elas para a produção em família numa lavoura ou em resposta a uma dificuldade.
Informação e Comunicação	O acesso à informação como fundamental para ajudar as comunidades a terem voz ativa sobre o seu bem-estar.	Incorpora o entendimento proposto e verifica a possibilidade de acessar, produzir e veicular informações.
Coesão e Inclusão Social	No contexto de comunidades de pequeno porte e alta integração, a confiança nasce das interações face-a-face e da coesão existente entre seus membros.	Incorpora o entendimento proposto e analisa o grau de coesão e inclusão social que possibilite a convivência e melhor resolução dos conflitos nas comunidades.
Empoderamento	Capacidade das pessoas em tomar parte, negociar, influenciar, controlar e responsabilizar instituições que afetam suas vidas.	Incorpora o entendimento proposto, analisando as motivações para o sentimento de felicidade, o sentimento de eficácia pessoal no projeto profissional desejado para os jovens e os mecanismos de decisão coletiva existentes na comunidade, podendo indicar possibilidades de mudança.

Fonte: Questionário Integrado para Medir o Capital Social e pesquisa do potencial de cooperação. Elaboração dos pesquisadores, 2012.

Redes de Relacionamento

Na abordagem do QIMCS, a dimensão abarca quatro assuntos, relacionados basicamente à participação do entrevistado em associações e redes locais:

- **A densidade de associações:** mensurada pela média dos membros em cada agregado

familiar que pertencem a organizações existentes.

- **A diversidade interna das associações:** mensurada de acordo com a presença de participantes dentro das associações: diversidade, parentesco, religião, gênero, idade, etnia/grupo linguístico, ocupação, educação, filiação política e nível de renda.
- **O funcionamento institucional das associações:** mensurado pelo objetivo da associação (educação, saúde, crédito etc.), nível de decisão democrática (se os grupos operam apenas na comunidade, são filiados a outros grupos – dentro ou fora da comunidade, são parte de uma estrutura federada), entre outros dados.
- **A existência de redes:** mensurada pelo tamanho da rede, sua diversidade interna e até que ponto a rede daria assistência em caso de necessidade. Rede entendida como um círculo de “amigos próximos” para conversar sobre assuntos particulares ou chamar caso necessite de ajuda. O tamanho da rede é percebido pelo número de amigos próximos. A utilidade da rede é medida perguntando-se aos entrevistados se eles contariam com a rede em situações emergenciais hipotéticas.

Na adaptação desta dimensão ao Potencial de Cooperação, pela ausência de associações constituídas, principal foco do QIMCS, buscou-se verificar o Capital Social Estrutural e, para isso, caracterizar os moradores da comunidade e a possibilidade de participação deles em redes informais. Considerou-se o número e a diversidade de pessoas na comunidade e a possibilidade de se criar novas formas de relacionamento – entendendo que elas se criam quanto maior a diversidade. Para tal, foram definidos dois indicadores, utilizando dados coletados na pesquisa quantitativa amostral feita simultaneamente a este estudo. Eles aproximam-se tematicamente dos índices propostos pelo Banco Mundial, mas são tratados de outra forma. Foram definidos dois indicadores:

- **População da Comunidade:** Quanto mais moradores, mais possibilidades de ampliar a rede. O descritor foi: número de moradores e a métrica “Maior número de pessoas na convivência na comunidade”. Quanto maior, maior a pontuação.
- **Diversidade Interna da Comunidade:** Comunidades internamente diversificadas têm condições mais propícias de produzir benefícios para seus moradores: para isso, foram definidos sete descritores:
 1. **EQUIDADE DE GÊNERO:** adotou-se como métrica o “percentual equitativo entre homens e mulheres na população”. Quanto menor a diferença de número entre homens e mulheres, maior a pontuação obtida.
 2. **EQUILÍBRIO DAS FAIXAS ETÁRIAS:** foram consideradas quatro faixas etárias e calculadas as médias de habitantes dos 20 bairros por faixa etária. A métrica deste descritor foi “Percentual equilibrado de cada faixa-etária no bairro, em relação à média dos 20 bairros”. Assumiu-se aqui que, além do equilíbrio das faixas etárias, a presença de crianças e jovens contaria como diferencial.

3. **DIVERSIDADE DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS:** a métrica foi “maior diversidade de religiões”. Quanto mais religiões, maior a diversidade e, assim, maior a pontuação.
4. **VARIEDADE DE PROCEDÊNCIA DOS MORADORES:** considerou-se que quanto maior o número de lugares de origem dos moradores, maior a diversidade.
5. **DIVERSIDADE E EQUIDADE DA RENDA PER CAPITA:** o descritor considera quão equilibrada é a população dos bairros. Foram definidas quatro faixas de renda, a partir das medianas do total de renda declarada. Para fins de definição da equidade, foi considerada condição ideal os moradores estarem distribuídos igualmente entre essas faixas. A hipótese analítica era que quanto mais próximo de grupos equitativos, menor desigualdade e maior diversidade.
6. **TIPOS DE OCUPAÇÃO (VARIAÇÕES DE OCUPAÇÃO):** neste descritor, foram tabuladas cinco ocupações citadas na pesquisa amostral domiciliar (agricultura de subsistência, agricultura mecanizada, indústria/empresa, comércio, prestação de serviços). A métrica foi “Maior variedade de ocupações na comunidade”.
7. **POPULAÇÃO LEITORA:** Para estabelecer a métrica deste indicador, foi utilizado como referência o percentual médio de leitura nas comunidades estudadas. A métrica ficou “percentual da população acima de 15 anos que informa ler, comparado à média dos 20 bairros”.

Confiança e Solidariedade

A abordagem do QIMCS é centrada em até que ponto se confia nas pessoas em geral e se confia em tipos específicos de pessoas. A confiança também é observada no contexto de transações específicas, tais como emprestar e tomar emprestado. Considera três diferentes dimensões da confiança: confiança em agências, nos membros do entorno imediato e na comunidade de negócios.

A dimensão busca identificar traços de confiança em relação a vizinhos, provedores de serviços e estranhos, e como essas percepções mudaram com o tempo, perguntando diretamente como se estabelecem as relações de confiança, como por exemplo: “Em geral, você diria que se pode confiar na maioria das pessoas, ou que nunca é demais ter cuidado nas suas relações com outras pessoas?”.

A pesquisa de Potencial de Cooperação, orientada pela mesma temática, porém com outra abordagem, verificou quais as expectativas e experiências em relação a comportamentos que impliquem confiança nas pessoas, nas instituições e nas relações comerciais. Já a solidariedade pôde ser identificada nas situações declaradas de compartilhamento dos bens e ajuda no momento da produção agrícola. Assim, três indicadores foram definidos para essa dimensão:

USO SOLIDÁRIO DOS BENS

Avaliou-se maior menção de bens compartilhados com motivação afetiva ou contributiva. Aqui, verificou-se a confiança pelo uso, mas também a noção de que o uso implica em gastos que podem também ser compartilhados. Os descritores desse indicador foram:

- Uso compartilhado dos bens: quantidade de bens pessoais que são compartilhados na comunidade, como TV, rádio e celular. Quanto maior a variedade, maior pontuação da comunidade.
- Uso como prestação de serviço: se o bem é disponibilizado aos vizinhos ou se é necessária uma contribuição para pagar as despesas relativas ao uso desse bem, como o diesel para o gerador ou créditos para o celular. A métrica definida foi “Maior número de bens compartilhados por motivação contributiva”.

CONFIANÇA NAS RELAÇÕES COMERCIAIS

O indicador busca compreender o nível de confiança nas relações comerciais, expressa no nível de institucionalidade da venda, o que pode contribuir para a ampliação da venda dos produtos decorrentes da lavra. Os descritores deste indicador foram:

- Venda da produção: a “Maior institucionalidade da venda da produção” foi a métrica. Quanto mais diversidade de pontos de venda, maior pontuação. Entende-se que quanto mais se extrapola a venda da própria comunidade até lugares diferentes, como a estrada ou mercados de outras cidades, maior a institucionalidade e a confiança nas relações comerciais.
- Participação em associações: a métrica foi “maior incidência de participação e desejo de participar de associações”. A medida explica o que valoriza este descritor: a pontuação aumenta conforme a proximidade que se tinha com associações – se não havia desejo de participar, se foi mencionada a existência, se havia o desejo de participar e se já participavam.
- Acesso a equipamentos, insumos e técnicas agrícolas: mediu-se a “maior menção de desejo de ter equipamentos e insumos agrícolas, com conhecimento avaliativo”. Quanto maior o desejo ao uso de maquinários e insumos para ampliar a produção, maior a pontuação. O diferencial positivo estava no conhecimento e avaliação de uma ação já existente nesse sentido.

CONFIANÇA NOS SERVIÇOS PÚBLICOS/INSTITUIÇÕES

Este indicador tenta compreender o papel das instituições que funcionam como disseminadoras de valores e mediadoras da interação social. O descritor foi:

- Instituições citadas: educação, saúde, liderança tradicional, polícia e governo. Identificou-se a confiança na liderança tradicional, quando era citada para dar

assistência na mediação de conflitos, na instituição educação, no desejo de que os filhos tivessem acesso a estudo; na saúde, no desejo de um adequado atendimento de saúde; no governo, que mantenha o país sem guerra. Quanto mais instituições citadas, maior a confiança presente.

As instituições têm um papel claro, funcionando como mediadoras da interação social. Escolas, igrejas, famílias são referência para as relações sociais, por isso, a importância de entender seu papel na avaliação do capital social. “Países arrasados por guerras civis ou invasões percebem uma degeneração acentuada de seu tecido social, causada justamente pela ausência do papel ativo das instituições. Reconstruí-las é o meio mais seguro para se restaurar parte do capital social perdido (que é, basicamente, a confiança perdida)” (COSTA, 2005, p. 239).

AÇÃO COLETIVA E COOPERAÇÃO

A seção sobre ação coletiva do QIMCS visa compreender como os membros do domicílio trabalham com outras pessoas em suas comunidades, em projetos conjuntos e/ou como resposta a uma crise. Também considera as consequências do não cumprimento das expectativas em relação à participação. Identifica: o grau de ação coletiva; os tipos de atividades desenvolvidas coletivamente; percepção geral do grau de iniciativa para cooperar e participar de ações coletivas.

No entanto, apresenta poucas questões que possam trazer essas informações à tona, com perguntas como: “Nos últimos 12 meses, você trabalhou com outros membros no seu bairro para fazer alguma coisa em benefício da comunidade?”.

Esta pesquisa propõe-se a considerar esta dimensão levando em conta que o trabalho conjunto poderia ser a construção e manutenção de uma infraestrutura ou a produção em família numa lavoura. Para isso, três indicadores foram considerados:

1. EXISTÊNCIA DE AÇÃO COLETIVA

Foi definido um descritor:

Existência de ações cooperativas: foram levantadas quantas ações cooperativas são apresentadas pela comunidade. Nas oficinas, foi possível discriminar quatro ações: Kixiquila (ajuda mútua na lavoura: uma espécie de mutirão); acordos para o uso da água (há comunidades que precisam compartilhar o uso do poço ou coleta de água e, para tanto, fazem acordos para regular o uso); mobilização da comunidade pela liderança para participar da oficina (quando a comunidade estava presente e o local organizado); e criação coletiva na dramatização (os participantes contribuem com a cena que está sendo construída). A métrica estabelecida foi “Maior quantidade de ações citadas” e, para pontuação, foi valorizado o maior número de ações cooperativas mencionadas.

2. ALCANCE DA AÇÃO COLETIVA

Foi definido um descritor:

- Alcance da ação cooperativa para resolver uma necessidade e/ou produzir: foram observadas duas finalidades para essas ações, para resolver uma necessidade e para realizar a produção na lavoura. Com isso, procurou-se entender o alcance das ações cooperativas: família, vizinhos e comunidade. Quanto maior o alcance no sentido do coletivo, maior a pontuação recebida.

3. GRAU DE INICIATIVA NAS AÇÕES COLETIVAS

Foi definido um descritor:

- Divisão Social do Trabalho: buscou-se entender a divisão de trabalho e as responsabilidades na comunidade. Entendeu-se que quanto maior a disponibilidade para alteração das responsabilidades dos papéis sociais de uma comunidade, maior a possibilidade de existirem mudanças e iniciativas para as ações cooperativas. A métrica foi estabelecida como “Maior disponibilidade da comunidade para mudanças nos papéis sociais” e as medidas atribuídas da seguinte maneira (da menor para a maior pontuação): responsabilidade dos papéis sociais definidos (por gênero e idade); mobilidade dos papéis sociais (quando chama atenção a realização de outras tarefas); alteração dos papéis sociais (desejo de alteração da responsabilidade social do jovem).

Obtidos no primeiro momento da oficina (quando se perguntava quem faz e quem ajuda nas atividades) e no momento da dramatização, alguns exemplos podem elucidar o tema: enquanto responsabilidade dos papéis sociais definida, entende-se que há uma divisão por gênero e faixa etária e que algumas comunidades apresentam poucos sinais de desejo de alteração. Em outras, há maior menção tanto de mobilidade quanto de alteração de papéis sociais. Nelas, homens e mulheres já dizem fazer atividades que regularmente são destinadas a determinados grupos, seja ajudando, seja assumindo outras responsabilidades. Em algumas comunidades, a maioria dos participantes desejava que os jovens seguissem outras profissões que não a lavoura. Em três comunidades, chamou a atenção as mulheres declararem querer estudar, destoando da maioria que não tem acesso ao estudo e não vislumbra isso para si (apenas para os filhos).

INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Este módulo do QIMCS investiga a disponibilidade de meios de comunicação e fontes de informação: correios, telefones, jornais, rádio e televisão. Uma vez que o contato pessoal é provavelmente a forma mais importante e direta de comunicação, também investiga a distância das viagens e se o domicílio do entrevistado é acessível durante o ano todo.

Partindo da premissa da importância do acesso à informação, a pesquisa de potencial de

cooperação buscou identificar os meios pelos quais as comunidades recebem informações relativas aos serviços públicos, aos acontecimentos dentro e fora da comunidade e até onde possuem acesso aos meios de comunicação. O indicador foi:

1. ACESSO À INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Para medir, foram criados dois descritores:

- **Meios de comunicação presentes na comunidade:** liderança tradicional, vizinhos, rádio, TV, telefone, visitas. Quanto maior o número, maior acesso à informação.
- **Acessibilidade a outras localidades:** quanto menor a distância de um centro urbano, menor o isolamento e maior acesso a informações e conhecimentos. A métrica foi “Maior proximidade dos centros urbanos”.

COESÃO E INCLUSÃO SOCIAL

Esta dimensão é tratada no QIMCS em três tópicos relacionados: Inclusão (que abrange desde percepções gerais sobre o sentimento de comunhão e unidade social da comunidade até experiências com exclusão de acesso a serviços); Sociabilidade (uma das manifestações positivas de um alto grau de capital social numa comunidade é a ocorrência de frequentes interações sociais cotidianas. Essa “sociabilidade” pode ser encontrados com pessoas em espaços públicos, visitas às casas dos outros e visitas dos outros à própria casa, e participação em eventos comunitários); Conflito e violência: a presença de conflito em uma comunidade ou em uma área maior é, com frequência, um indicador da falta de confiança ou de capital social estrutural apropriado para resolver conflitos, ou ambos. Sobre conflito e violência: considera o grau e o tipo de violência, a contribuição da divisão interna da comunidade e os sentimentos de insegurança (medo do crime e da violência).

A abordagem destas questões se dá por meio de perguntas como: Como você descreveria o grau de comunhão ou proximidade em seu bairro? Utilize uma escala de 5 pontos, em que 1 quer dizer “muito distante” e 5 “muito próximo”.

A pesquisa do potencial de cooperação procurou entender como o grau de coesão e inclusão social contribui para a convivência e maior vínculo entre os moradores dos bairros estudados. Os indicadores dessa dimensão identificam relacionamentos e a interação social dos moradores, incluindo a motivação dos conflitos e os mecanismos de mediação de conflitos. Essa dimensão foi considerada fundamental para esse estudo, com a formulação de cinco indicadores:

1. INCLUSÃO

O indicador reúne percepções gerais sobre o sentimento de comunhão e unidade social da comunidade, por meio de dois descritores:

- **Gênero e educação (mulheres com 15 anos ou mais que sabem ler e escrever):**

A avaliação do nível de alfabetismo das mulheres leva em conta que a equidade de gênero na educação é essencial para uma cultura de cooperação e um dos Objetivos do Milênio estabelecidos pela UNESCO. A métrica adotada foi o “Percentual das mulheres acima de 15 anos que informa ler, comparado à média dos 20 bairros”, obtido na pesquisa amostral. As medidas chamam a atenção pelo baixíssimo percentual de alfabetização das mulheres desta região. Ressalte-se que este descritor é contabilizado por representar experiências de exclusão, tal como proposto no QIMCS.

- **Deficiência e participação:** Considera que a presença nas oficinas de portadores de deficiência da comunidade representa a valorização delas por parte da mesma e do líder comunitário. Os dados foram coletados por meio de observação direta dos mediadores nas oficinas.

2. SOCIABILIDADE

Esta informação era obtida no primeiro momento da oficina quando se perguntava sobre as atividades cotidianas e sobre os programas preferidos dos jovens. Para ela, foi definido um descritor:

Interações sociais: é mensurado o “Maior número de tipos de encontros citados (quanto mais tipos de encontros, maior a sociabilidade)”. Frequentes interações sociais cotidianas materializadas em encontros com pessoas em espaços públicos, visitas e participação em eventos comunitários foram avaliados neste indicador, atribuindo maior pontuação às comunidades com maior número de tipos de interações sociais cotidianas citadas, a partir da tipologia formulada no retorno de campo.

3. CONFLITO

Foram criados dois descritores para avaliar as motivações e resoluções dos conflitos. Esta informação era obtida nos momentos 1 e 2 da oficina: nas imagens do cotidiano, quando se perguntava os motivos de brigas, e na dramatização, a qual provocava um conflito e sua resolução. Foi avaliado pelos descritores:

Motivações do desentendimento: mensurada a incidência de tipos de conflitos, conforme a tipologia definida no retorno de campo. A medida neste caso é inversa. Quanto menos conflitos, maior a pontuação.

Resoluções do desentendimento: para avaliar a resolução dos conflitos, perguntou-se quais os modos apropriados para resolver os conflitos e soluções de mediação, resumidos em sanção no próprio bairro ou necessidade de envolver a polícia. Quanto “Maior possibilidade de resolução no próprio bairro”, maior a pontuação obtida e maior a coesão social.

4. SENTIMENTO DE SEGURANÇA

Para este indicador foi definido um descritor:

Medos: O sentimento de segurança está ligado ao sentimento de pertencimento ao bairro. A métrica considerou que quanto mais a comunidade se sente segura, menor a menção a medos. Para tanto, todos os medos citados foram classificados após o campo, em uma tipologia que os organiza em medos relacionados a condições pessoais, bem-estar coletivo, relacionamentos, condições estruturais e produção/economia. Quanto menos tipos de medos citados, maior o sentimento de segurança e maior a pontuação.

5. VÍNCULO COM A COMUNIDADE

O vínculo foi avaliado com dois descritores:

- **Tempo de moradia na comunidade:** Quanto mais tempo residindo no bairro, maior a pontuação. A informação foi obtida na pesquisa quantitativa amostral.
- **Desejo de permanência dos jovens no bairro:** Maior desejo do jovem e de sua família que os jovens permaneçam no bairro. Foi pontuado gradativamente se o desejo era somente dos pais, somente dos jovens e de um dos pais e dos jovens – sendo esta a declaração com pontuação mais alta. Esta informação foi obtida na conversa sobre os desejos para o futuro dos jovens.

EMPODERAMENTO

No QIMCS, essa dimensão refere-se à capacidade das pessoas em negociar, influenciar, controlar e responsabilizar instituições que afetam suas vidas.

O questionário pergunta acerca de um conjunto de meios concretos pelos quais as pessoas tentaram aumentar esse controle, tais como as petições aos membros do governo, participação em reuniões abertas e em eleições. A ação política é uma das atitudes que podem ser tomadas para aumentar a autoridade ou a capacitação. Este módulo verifica até que ponto os entrevistados se sentem com autoridade para participar de ações políticas.

As questões nesta seção ainda buscam averiguar o sentimento de felicidade, eficácia pessoal e capacidade dos membros do agregado doméstico para influenciar tanto eventos locais como respostas políticas mais amplas.

Esta pesquisa considerou essa dimensão como a capacidade de expansão dos recursos das pessoas em tomar parte e responsabilizar instituições que afetam suas vidas. Significava compreender: as motivações para o sentimento de felicidade; o sentimento de eficácia pessoal no projeto profissional desejado para os jovens e os mecanismos de decisão coletiva existentes no bairro. Foram definidos três indicadores:

1. SENTIMENTO DE FELICIDADE

Foi formulado um descritor:

- O que os deixa feliz? Felicidade entendida aqui como um estado de satisfação que serve de motor para a vida: numa ideia de projeção para o futuro, de esperança ativa, portanto, motivador para agir. Quanto maior o número de tipos de felicidade citadas (sistematizadas no retorno do campo), maior pontuação.

2. EFICÁCIA PESSOAL

Para esse indicador foi formulado um descritor:

- Projeto profissional para os jovens: os projetos profissionais da comunidade para os jovens, conversados no terceiro momento das oficinas e organizados em seis tipos de projetos após o campo. O descritor valorizou a maior variedade de profissões almeçadas, dando um diferencial ao empreendedorismo.

3. INFLUENCIAR AS DECISÕES QUE AFETAM O BAIRRO

Foi formulado um descritor:

- Mecanismos de decisão coletiva. Avaliou-se o controle sobre as decisões que afetam diretamente a vida cotidiana e os mecanismos de decisão coletiva na comunidade. Para isso, o indicador levantou o maior número de grupos de decisão citados (como o grupo de organização política de mulheres, o conselho ou grupo de idosos, as lideranças tradicionais e seus assessores).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado do trabalho foi a matriz com seis dimensões, 17 indicadores e 30 descritores. As comunidades poderiam obter até 72 pontos, maior grau de potencial de cooperação. Com isso, foi possível responder à demanda do governo e indicar por quais iniciar a ampliação do Programa de Agricultura Familiar. Entretanto, não se tratou somente de estabelecer um *ranking*, colocando algumas comunidades mais em evidência do que outras. A partir da identificação dos indicadores e descritores, foi também possível apresentar diferentes potencialidades presentes nas comunidades. Conhecendo tais potenciais, foram indicadas ações que pudessem contribuir para o fortalecimento do Capital Social e do Potencial de Cooperação, preparando as comunidades para a entrada no Programa.

O instrumental do Banco Mundial serviu como uma referência legitimada e abriu um caminho para construção. Por tratar os dados qualitativos de forma quantitativa na entrevista, já apresentava limitações ao que a equipe se propunha a investigar, do modo que

se proponha a investigar: em atividades coletivas, em que as questões subjetivas aflorassem sem ser necessariamente perguntadas, num trabalho de Diálogo Social aliado à experiência em psicodrama.

A metodologia de campo mostrou-se fundamental e eficaz para a elaboração da ferramenta final (matriz) e se consolidou como experiência a ser replicada em diferentes contextos. Quanto ao desenho da matriz de avaliação em si, outras pesquisas semelhantes podem se utilizar do mesmo instrumento, mas nunca o pesquisador se poupará de refletir sobre todas as variáveis: dimensões, indicadores, descritores e métricas.

O esforço foi reunir as proposições. Considerando conceitos solidificados de Capital Social e as dimensões propostas e também encontrando sentidos, explorando padrões e desenvolvendo tipologias para organizar a experiência de campo. Um trabalho direcionado, porém aberto, “um método não para ser aplicado, mas para ser assumido como atitude” (PASSOS, 2009, p. 10). Estar aberto, com a “observação participante”, serve também de reflexão para o instrumento elaborado: essa ferramenta não deve ser tratada como um molde, mas como inspiração.

NOTA

1 Submetido à RIGS em: jul. 2014. Aceito para publicação em: jan. 2015.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASSIANI, S. H. B.; CALIRI, M. H. L.; PELA, N. T. R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, dez. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691996000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 dez. 2014.

COSTA, A. B.; COSTA, B. M. Cooperação e capital social em arranjos produtivos locais: In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 33., **Anais...** Rio Grande do Norte, 2005. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A113.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2012.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 9, n. 17, p. 235-248, 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200003
Acesso em: 30 dez. 2014.

DE CARVALHO DANTAS, Claudia et al. Teoria fundamentada nos dados-aspectos conceituais e operacionais: metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. **Rev Latino-Am Enfermagem**, v. 17, n. 4, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n4/pt_21. Acesso em: 30 dez. 2014.

DEDOMENICO, A. M.; FERNANDES, C. Pistas contemporâneas em socionomia. In: NERY, M. P.; CONCEIÇÃO, M. I. **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

ECHEVERRIA, R. Confiança, viga mestre da empresa do futuro. **Instituto Ethos Reflexão**. São Paulo, n. 7, p. 5-26, jul. 2002. Disponível em:

<http://www3.ethos.org.br/cedoc/reflexao-no7-confianca-viga-mestra-da-empresa-de-futuro/#.V63tqZgrKM8> Acesso em: 30 dez. 2014.

FRANTZ, Walter. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**. Porto Alegre, n. 6, p. 242-264, dez. 2001. Disponível em

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5772/3378> Acesso em: 30 dez. 2014.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**. Lisboa, v. 10, n. 1, maio 2006. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612006000100008&lng=pt&nrm=i>. Acesso em: 28 dez. 2012.

LEITE, C. A. de A. Matriz de Avaliação do Potencial de Cooperação: uma proposta para mensurar o potencial de cooperação de uma comunidade, 2012, 87 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MORAES, J. L. A. Capital social: potencialidades dos fatores locais e políticas públicas de desenvolvimento local-regional. In: BECKER, D. F.; WITTMANN, M. L. (Org.). **Desenvolvimento regional abordagens interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p.263-281.

MOREIRA, J. C. O. **O capital social como um dos fatores de sustentabilidade de cooperativas agroindustriais, estudo de caso**. 2008. 101 p. Dissertação (Mestrado em economia rural) – Departamento de Economia Agrícola, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

NARAYAN, D. et al. **Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS)**. Banco Mundial, 2003.

NILSON, S.; DAVOLI, C; BATISTA, M. Psicodrama público e direção de grandes grupos. In: NERY, M. P.; CONCEIÇÃO, M. I. **Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos**. São Paulo: Ágora, 2012.

PASSOS, E. et al. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PUTNAM, R. D; LEONARDI, R; NANETTI, R. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SILVA, B. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV/MEC, 1986.

SINGER, P. Desenvolvendo confiança e solidariedade: as instituições necessárias (Versão Preliminar). Ciclo de Seminários 2003. In: **Brasil em Desenvolvimento**. UFRJ, 2003 15p. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/desenvolvimento/pdfs/desenvolvendo_confianca_e_solidariedade_as_instituicoes_necessarias.pdf. Acesso em: 30 dez. 2014.

Clara Assumpção de Assis Leite	Especialista em Gestão de Projetos Sociais em Organizações do Terceiro Setor pela PUC/SP. Graduada em Letras pela USP. Consultora em gestão social e programas de desenvolvimento territorial.
Maria Julia Azevedo Gouveia	Psicóloga pela UNESP e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. Consultora em educação, gestão social e programas de desenvolvimento territorial. Atualmente gerencia implementação de projeto de gestão escolar para resultados de aprendizagem no ensino médio pelo Instituto Unibanco.
Lucia Helena Negri Nilson	Psicóloga pela PUC de Campinas SP, psicodramatista e educadora. Consultora em educação na formulação de propostas pedagógicas no campo socioeducativo e em processos de formação de agentes públicos, em gestão social e programas de desenvolvimento territorial.